

Auditório cheio na sessão pública de apresentação do processo participativo do PDM

O Município da Maia está a promover um amplo processo participativo para a elaboração da 2ª Revisão do seu Plano Diretor Municipal (PDM) do qual farão parte um conjunto de iniciativas abertas a todos os cidadãos que irão ocorrer nos próximos meses. No passado dia 7 de fevereiro organizou-se uma primeira iniciativa pública, que contou com mais de uma centena de participantes, que teve como objetivos apresentar a metodologia do processo de envolvimento dos cidadãos e partilhar as reflexões de três convidados especialistas - Prof.ª Teresa Andresen, Prof.ª Cecília Silva e Prof. António Figueiredo - sobre o futuro da Maia na perspetiva do ambiente, da mobilidade e da economia. A segunda fase do processo participativo irá concretizar-se com a realização de reuniões públicas nas Juntas de Freguesias onde se promoverá a partilha de memórias e construção de um diagnóstico colaborativo dos problemas e potencialidades locais. Na terceira fase, será incentivada a apresentação de propostas coletivas para o território desenvolvidas pelos cidadãos e algumas delas serão testadas através de um conjunto de ações experimentais. O resultado consensualizado deste processo validado pelo quadro estratégico do plano e condicionalismos legais, irá integrar a proposta de PDM, que será apresentada no próximo ano.



Na sessão pública inaugural, o Engenheiro José António Lameiras, coordenador da revisão do PDM, explicou as particularidades desta revisão, pautada pela obrigatoriedade da adaptação do plano ao novo regime de gestão territorial. Explicou que os planos de 3ª geração propõem uma nova forma de planejar e gerir o território, uma vez que a rigidez normativa anterior é transcendida e agora prevalece o caráter estratégico, de natureza dinâmica, flexível, participativa e inteligente.

José Carlos Mota, professor da Universidade de Aveiro, coordenador do processo participativo, realçou o caráter inovador desta metodologia e a importância da apropriação do plano por parte dos cidadãos como caminho fundamental para a construção do território desejado. Ao mesmo tempo, ressaltou a importância do envolvimento dos autarcas, técnicos municipais e demais atores coletivos durante todo o processo.

Acompanhe o processo participativo PDM

FASE 1	FASE 2	FASE 3	FASE 4
EXPECTATIVAS	DIAGNÓSTICO	PROPOSTA	APROVAÇÃO
2019			2020
Jan	Mar	Jun	Dez

Reflexão sobre o futuro da Maia ambiente, mobilidade e economia



A Professora Teresa Andresen iniciou os contributos na Sessão “Pensar o Futuro da Terra da Maia” introduzindo o tema “ambiente” a partir da problemática das alterações climáticas, tendo alertado para a necessidade de uma melhor gestão dos recursos naturais - a água em particular, lembrando que a paisagem e os contínuos naturais não têm fronteiras administrativas. Sobre o legado rural do território da Maia e o seu valor simbólico e identitário, deixou o desafio de valorizar os territórios agrícolas como fonte alternativa de fornecimento de produtos alimentares, providenciando uma oferta de melhor qualidade, com menor pegada ecológica e com maior repercussão e reprodução na economia familiar local.

Sobre o tema “mobilidade e transportes”, Cecília Silva, professora na FEUP, introduziu a questão da descarbonização e das metas a cumprir até 2050 através da promoção de uma mobilidade mais sustentável, com enfoque nos modos suaves, defendendo que o novo conceito de mobilidade deve integrar todos os modos, incluindo os automóveis, e ser percebido como um serviço articulado que poderá prescindir da necessidade da posse individual de veículos. Apresentou ainda os novos desafios da cultura de mobilidade, relacionados com a vontade dos jovens em mover-se menos e mais lentamente e o propósito de recuperação do espaço público - ocupado por funções da mobilidade - que está diretamente relacionado com o planeamento territorial e a humanização da cidade.

Centrado na reflexão prospectiva sobre a economia, o Professor António Figueiredo, citando Paul Krugman, alertou para o facto do “futuro da economia já não ser o que era”. A este propósito, identificou três paradoxos: apontou para o facto da produtividade económica não chegar para recuperar os índices anteriores às crises; referiu a resposta lenta do crescimento económico perante as revoluções tecnológicas e acrescentou o declínio do empreendedorismo de base tecnológica e a consequente necessidade de nos adaptarmos a uma nova realidade. Encerrou a sua reflexão com um desafio: como pode a Maia, um município importante na região Norte, caracterizado pela inovação, competitividade e dinamismo, num contexto de baixa produtividade nacional, contribuir para o desenvolvimento económico e coesão territorial?

Desafios lançados

No debate final, foi lançado um repto pela Professora Teresa Andresen para se criar uma “comunidade proativa” em defesa dos espaços rurais e se valorizar a produção alimentar local, tirando partido da relação entre o tecido produtivo e o Sistema Científico e Tecnológico da região, cuja importância foi salientada pelo Professor António Manuel Figueiredo, no quadro dum processo de urbanização “mais amigo do ambiente” e gerador de menores impactos, consumos energéticos e deslocações, como recomendou a Professora Cecília Silva.

Excelentes desafios para o processo participativo que irá decorrer nos próximos meses nas dez freguesias do município da Maia.

O vídeo da sessão pode ser visto aqui: <https://youtu.be/9reqIDKDofo>

Informações sobre próximas sessões em: www.cm-maia.pt/p/revisaopdm

